

TV+

“Ela não se permite ser para baixo”



Fabio Rochana/TV Globo

ENTREVISTA / Juliana Paes

Você foi muito elogiada pela Maria Marruá e agora está de volta, com *Renascer*. O que o público pode esperar desse novo remake?

Assim como *Pantanal*, *Renascer* é um lugar de afeto para quem assistiu a essa história. E ter esse lugar cativo e ser atualizada, mantendo emoção, beleza e poesia, tem sido um trabalho primoroso. A cada capítulo, a gente sente a vida pulsando, o sentimento correndo, e é muito bonito. O texto tem essa vida pulsante.

Você assistiu à primeira versão?

Eu tenho um caso de amor com a história, não deixava de assistir por nada. Tinha 14 anos e *Renascer* me propôs reflexões especiais para uma menina tão jovem. É uma saga de redenção. O amor, quando é vivido a plenos pulmões, tem uma capacidade de bomba atômica e, quando existe o avesso do amor, pode ferir; e a novela mostra como as relações podem se perpetuar, como rastro de pólvora provocando tantas experiências na vida das pessoas. E o tempo pode ser cruel e também ter essa força curativa, de selar sentimentos. *Renascer* tem esse símbolo para mim: de amores redimidos. Mexeu muito comigo, fazendo um paralelo muito forte com minha família.

Como você recebeu a *Jacutinga*?

Jacutinga é um acontecimento. Ela não pode ser copiada, precisa ser reinventada. É isso que o Bruno (Luperi, autor) pensou também quando me entregou essa personagem. Uma outra mulher, de outro tempo, com outro olhar para a vida. Ela pertence aos dias de hoje, defende a luta de mulheres de nossos tempos também, de a mulher saber a consciência do poder de seu corpo, de seus direitos. Uma mulher que sabe como andar na corda bamba da vida, como lidar com aqueles homens, como fazer sua voz ser ouvida. Ela é acolhimento. As falas de *Jacutinga* têm muito poder sobre aquelas meninas e vão selar o destino de Maria Santa (Duda Santos). É um desafio muito grande e eu estou muito feliz.

Após sucesso como Maria Marruá em *Pantanal*, Juliana Paes retorna às novelas como Jacutinga, no remake de *Renascer*

POR PATRICK SELVATTI

Há 24 anos, uma jovem atriz surgiu de mansinho, aos 20 aninhos, com uma personagem pequena, na novela *Laços de família* (2000). A empregada doméstica Ritinha tinha um trágico destino selado: teria um caso com o marido da patroa (Alexandre Borges), engravidaria de gêmeos, morreria no parto e as crianças seriam criadas por Alma (Marieta Severo), a dona da casa. Oito anos depois, a então quase figurante receberia o convite para ser a protagonista da novela das nove *Caminhos das Índias* (2009), de Glória Perez, como a indiana Maya. Em um curto período de tempo, Juliana Paes tornou-se uma das maiores potências da televisão brasileira.

A atriz fluminense, de Niterói, estava no ar em *A favorita* (2008), no mesmo horário, e, para aceitar

estrelar a sucessora, a personagem dela, a jornalista Maíra, precisou morrer. De lá para cá, Juliana emendou cinco protagonistas de novelas, com destaque para a personagem-título do remake de *Gabriela* (2012) — no papel que lançou Sônia Braga ao estrelato —, a Bibi Perigosa, inspirada em uma personagem real e ainda viva, em *A força de um querer* (2017), e a batalhadora Maria da Paz de *A dona do pedaço* (2019).

A beleza da atriz — que foi recordista de vendas ao posar para a *Playboy* em 2004 e tornou-se o corpo que representou “A boa” na campanha poderosa de uma marca de cervejas no ano seguinte — foi apenas um impulso para destacá-la como intérprete de mulheres de muita força. Acostumada a representar mulheres, em 2022, Juliana surpreendeu o público ao reviver a personagem Maria Marruá, que Cássia Kiss defendeu em *Pantanal*. Como

a pantaneira rústica que vira onça para defender os seus, comprovou versatilidade e domínio cênico.

Sucesso de público e crítica, a atriz de 44 anos garantiu um outro papel vigoroso no remake de *Renascer*, do mesmo autor (ambas criadas por Benedito Ruy Barbosa e adaptadas pelo neto dele, Bruno Luperi). Na produção que estreia em 22 deste mês, ela dará vida à cafetina *Jacutinga*, eternizada por Fernanda Montenegro na versão original.

Em conversa com a *Revista*, Juliana Paes destaca a importância que a história exibida em 1993 teve em sua vida e dá detalhes dessa nova *Jacutinga*, que está compondo para as duas fases da trama. “*Jacutinga* é um acontecimento. Ela tem pacto com a vida, já viveu tanta coisa que deu a volta completa na dor, já passou por tanto que não se permite ser para baixo. Ela quer que as pessoas sejam felizes apesar do que viveram”, descreveu a atriz.